

Durante toda esta quadra, que hoje se encerra com a Festa da EPIFANIA, todos os dias tenho contemplado o mistério do Natal de Deus entre os homens. E tal mistério desafia qualquer ciência. Resta-nos contemplá-lo, até ao apocalipse, dia da revelação final. Intuindo, como Frederico Lourenço, que nos cabe, a nós, seres humanos, sermos a refração da luz de Jesus.



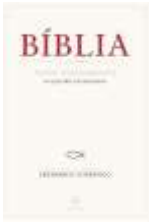
reflexões sobre a Igreja

2.

Bíblia (tradução de Frederico Lourenço) . *Jesus* .
Luz . *Imaculada Conceição de Maria* . *Evangelho da Infância* . *Dogma* . *Credo de Niceia*

ecclesia

1. Cartas de Camilo Maria de Sarolea



Minha Princesa de mim:

Já te falei na tradução, para português, diretamente do original grego, da *Bíblia Grega* que, além de grande parte da chamada

Bíblia dos Setenta - textos vertidos para a língua helénica, na judeo-helenística Alexandria, por sábios judeus, a partir de originais hebraicos - inclui ainda outros livros da *Bíblia Hebraica* acolhidos pelo cânone católico, mas que foram originalmente redigidos em grego, tal como todos os vinte e sete do Novo Testamento. Tradução portuguesa esta empreendida pelo conceituado professor catedrático de Coimbra, especialista em cultura clássica, Frederico Lourenço [FL]. A publicação desta Bíblia em versão direta do grego para o português inicia-se pelos quatro evangelhos. Adquiri e li um exemplar desse primeiro volume da obra. Nada digo, nem me pronunciarei, sobre a qualidade da tradução: o Professor Frederico Lourenço conhece infinitamente melhor o grego clássico do que eu. Como e calo. Ponto final. Por outro lado, devo dizer-te que concordo com uma observação de Paulo Mendes Pinto, da Universidade Lusófona, publicada na edição do *Jornal de Letras* de 23 de dezembro de 2016: *Com o trabalho de Frederico Lourenço, passamos a ter mais que uma nova edição da Bíblia, passamos a ter uma edição descomprometida de uma visão religiosa. Não que para a História da Bíblia toda e qualquer ligação religiosa não seja importante, mas hoje, mais que nunca, urge perceber que ela é um*

património que não se esgota no campo da crença e das afirmações de fé.

E, já agora, deixa-me acrescentar que, tratando-se de uma tradução literária criteriosa, exercitada através de uma colocação dos textos na cultura em que foram produzidos e na gramática da língua em que foram escritos, o trabalho científico do seu autor não impede o mesmo, nem o leitor, de, no seu próprio foro interior, despertar para qualquer sentimento religioso. Aliás, testemunho claríssimo disso é o que Frederico Lourenço diz em página de *Diário*, editada no mesmo número do *Jornal de Letras*. E fá-lo com uma franqueza honesta, apetece-me dizer que é *very candid*, como os ingleses se referem a alguém muito franco e verdadeiro. Irei, todavia, respigar três passos desse texto, que o autor intitulou *Até ao fim da rua*. Por perspetivas diversas, qualquer deles toca em questões que, volta e meia, me ocorrem e te tenho confiado. Mas vamos aos textos de Frederico Lourenço, pois falam por si e revelam o seu próprio enquadramento:

1. Existe, por exemplo, toda uma bibliografia curiosíssima que procura demonstrar que Jesus nunca existiu. Os modernos paladinos dessa teoria - só vale a pena nomear os menos irrazoáveis, como Robert Price ou Richard Carrier - são no fundo herdeiros de ideias que já vêm desde o Iluminismo francês, quando Charles Dupuis começou a publicar a sua "Origine de Tous les Cultes ou Religion Universelle em 1793. No entanto, os padrões pagãos nos quais esses autores procuram encaixar Jesus são tão

forçados! E quem diz Jesus, diz outras figuras que o Novo Testamento nos dá a conhecer: desde logo, Paulo. Para alguém que, como eu, conhece bem a Cultura Grega clássica, não é imediatamente óbvio o paralelismo Perseu / Jesus, Adónis / Jesus, ou Penteu / Paulo que estes autores querem "provar", explicando assim as narrativas do Novo Testamento como invenções baseadas em mitos pagãos. Quando um autor como Price afirma que Paulo na estrada de Damasco é uma recriação imaginativa da tragédia grega "Bacantes", alguém que conhece bem a referida tragédia na língua original dificilmente se pode deixar convencer.

2. Há um poema do Fernando Assis Pacheco que diz: "Um homem tem que viver [...] / Tem que viver / cheio de luz". Sempre fui apologista da luz e inimigo do obscurantismo. No Evangelho de Mateus (5:14), Jesus dirige à raça humana uma frase para mim enigmática: "vós sois a luz do mundo". Em nenhum outro evangelho é atribuída esta frase a Jesus. No Evangelho de João (8:12), são-lhe atribuídas palavras aparentemente contraditórias relativamente à frase de Mateus: "eu sou a luz do mundo". Mas não há contradição, a meu ver. Cabe-nos a nós, seres humanos, sermos a refração da "luz de Jesus" - do mesmo modo que nos cabe passar a distribuir o amor que, segundo a 1ª Carta de João, Deus é. Olharmos para o mundo e ver em cada noticiário a refutação da frase "Deus é amor" (o que se passa na Síria, meu Deus!) não é mais do que a medida do falhanço humano. Cabe às pessoas humanas fazer esse trabalho de Deus, criar a corrente de amor, a corrente de luz. É por questões assim

que continuo sempre a achar que a mensagem de Jesus é tão válida para crentes, como para pessoas de outras religiões, como para ateus. É uma mensagem para o mundo inteiro. Acho que precisamos de Jesus.

3. Ao motivo do feriado de hoje [8 de dezembro de 2016] já falta o universalismo em que pensei ontem. Só um católico muito devoto poderá encontrar sentido na ideia da Imaculada Conceição de Maria. Muitas igrejas herdeiras da Reforma luterana viram, com desânimo, a oficialização deste dogma no século XIX como algo que veio acentuar ainda mais a divisão entre católicos e protestantes. Ainda me lembro como fiquei espantado, da primeira vez que li o Novo Testamento de fio a pavio, de não encontrar qualquer sustentação bíblica para realidades teológicas que eu achava que estariam na Bíblia (entre elas o motivo do feriado de hoje).

Curiosamente, por esses dias, almoçava eu com velhos amigos, todos filhos de famílias da velha nobreza portuguesa, católicos devotos, também homens do nosso tempo, atentos a formulações e interrogações. Subitamente, um deles, jurista de formação e gestor financeiro, perguntou-me o que eu pensava da enunciação de certos dogmas, hoje em dia, pela Igreja Católica. Referia-se a homilias e artigos recentes que, precisamente, lhe pareciam corroborar afirmações que talvez já não devessem ser interpretadas como se tivessem existência intemporal, nem, muito menos ainda, como se não pudessem ser datadas e lidas no seu contexto cultural e histórico.

Remeti-me, primeiro, para considerações de ordem geral: a

proclamação de dogmas surge muito em função de clarificar uma fé comum, isto é, de manter uma unidade comunitária, ou união eclesial: exemplo paradigmático disso é o *Credo*, o Símbolo dos Apóstolos, o do Concílio de Niceia que, aliás, com o imperador Constantino, em 325, proclamou, sobre todas as igrejas locais, a *Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica*. Católica em sentido contrário a sectária, antes porque universal. Por isso estava em sínodo ou concílio, isto é, se reunia. A minha fé católica professa-se aí, nada lhe retiro nem acrescento. Outros dogmas foram depois proclamados pela "autoridade" eclesial, sobretudo quando esta pareceu poder romper-se por desacordos de partidos acerca do que, em muitos casos, mais não eram do que devoções que ganhavam força em certos sectores da Igreja.

Exemplos disso são dogmas como os da Imaculada Conceição de Maria -aliás frequentemente confundida com a sua virginal concepção de Jesus. Doutores da Igreja, como São Tomás de Aquino, recusavam a conclusão teológica da Imaculada Conceição. Claro que se, séculos mais tarde, quando o dogma foi declarado, o bom teólogo ainda fosse vivo, aceitá-lo-ia... tal como eu o aceito, ou seja, não fazendo dele condição necessária da minha confissão católica. [Mas, provavelmente, tampouco aceitaria que a confissão da fé cristã, ou de qualquer dogma católico, pudesse ser imposta em nome de uma Igreja que Jesus Cristo não fundou como instituto jurídico, mas convocou, eucaristicamente, como corpo de amor fraterno e ressurreição]. Tal dogma, dizia, não está no *Credo*, tal como ausentes estão a Assunção de Nossa Senhora - que também não tem relato

bíblico canónico, mas nasce de uma devoção popular e seu imaginário, e de especulação "teológica" - nem sequer a Transubstanciação, resultado de um processo mais complexo que, aliás, no século XVI, as querelas entre Reforma e Contra Reforma levaram a polémicas escolásticas hoje difíceis de entender. Resumindo o que pensossinto, dir-te-ei que a consagração do pão eucarístico não é um ato de magia ou ilusionismo, o pão não deixa de ser materialmente pão, o Corpo de Cristo é um Corpo Místico, a Comunhão dos fiéis que, partilhando o pão de cada e todos os dias, continuam a tornar presente e eficaz a vontade de reconciliação que Jesus Cristo trouxe e que o levou ao sacrifício da própria vida. Pessoalmente, não sou adepto das chamadas "exposições e adorações do Santíssimo", por me parecerem - para o meu gosto, repito - mais práticas idolátricas (no sentido de pretenderem consubstanciar numa materialidade um ser espiritual) do que atos de comunhão fraterna e reconciliação universal, com Deus e os homens, com Cristo, por Cristo e em Cristo. Formulando assim o meu credo e a minha devoção, não quero, nem devo fechar o coração aos que de outro modo melhor possam sentir o Mistério Pascal. Cada um de nós tem as suas devoções, penso que a única exigência comum a todas é que, antes de rezarmos, devemos reconciliar-nos com os nossos irmãos, pois qualquer oração cristã é um ato de comunhão. Na minha próxima carta continuarei a conversa encetada há dias com aqueles amigos meus.

Camilo Maria

Camilo Martins de Oliveira

<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/cartas-de-camilo-maria-de-sarolea-530823> (03.02.2017)



Deus

– nos poemas
de Sophia de Mello
Breyner Andresen

No dia 2 de Setembro deste ano, tive o grato prazer de participar numa conversa íntima (só que diante de 400 pessoas) sobre a obra poética de Sophia de Mello Breyner Andresen. Os meus interlocutores eram Ana Luísa Amaral e Miguel Sousa Tavares. Fomos admiravelmente moderados por Anabela Mota Ribeiro. O auditório da Biblioteca Almeida Garrett encheu-se para nos ouvir – e tanto a Ana Luísa como o Miguel deram pistas extraordinárias para a compreensão da poesia de uma autora que, cada vez mais, se revela aos falantes de língua portuguesa como criadora de uma obra que, na sua aparente e desarmante simplicidade, está, como a de Mozart, ao nível do maior conseguimento artístico em termos absolutos.

A minha intervenção centrou-se sobretudo no tema «Sophia e Deus». Há muito tempo que esta pista para a compreensão da sua obra me atrai e fascina. Mas não é uma clave de leitura evidente. Na verdade, quem faça a extraordinária viagem da alma que é ler, de fio a pavio, as mais de 900 páginas da Obra Poética de Sophia de Mello Breyner Andresen na excelente edição da Assírio & Alvim, rapidamente chega a esta conclusão: nos poemas da genial autora não faltam «deuses». Mas «deus» é uma palavra que encontramos com muito menos frequência. E as vezes em que por «deus» se pode entender «Deus» são mesmo raríssimas.

No entanto, a obra poética de Sophia está cheia de Deus. Quantas vezes é enunciada a palavra «Deus» na «Arte da Fuga» de Bach? O facto de a resposta ser «zero» não significa que a «Arte da Fuga» não tenha como sujeito, tema e objecto «Algo» que só podemos enunciar por meio da palavra Deus.

Deus é ubíquo na obra poética de Sophia, porque é a sua aparente ausência que denuncia a sua presença. Num livro publicado em 1958, a autora escreve «és sempre um deus que nunca tem um rosto / por muito que eu te chame e te persiga» (*Mar Novo*).

Já antes, num livro publicado em 1947, lêramos uma das mais assombrosas definições de Deus que eu conheço: «Deus é no dia uma palavra calma / um sopro

de amplidão e de lisura» (*Dia do Mar*).

Para Sophia, Deus não está ausente do mundo: está dentro dele, em cada milímetro quadrado do mundo. Basta estarmos atentos para captarmos a presença de «esse deus que se oferece, como um beijo, nas paisagens» (*Dia do Mar*).

Deus é o visível, é a imanência do real. Amá-lo significa amar a realidade, o visível: o «amor pelas coisas visíveis» e o canto poético que as celebra actuam como «oração em frente do grande Deus invisível» (*Livro Sexto*). *Amar a Deus é amar o real*.

Cinco anos após a publicação de Livro Sexto, foi-nos dado a ler em Geografia (1967) este credo extraordinário: «não trago Deus em mim, mas no mundo o procuro / sabendo que o real o mostrará» (*Geografia*).

A relação entre o plano divino e o plano humano é vista como um enigma de sugestão e de silêncio: «Escuto e não sei se o que oiço é silêncio ou deus» (*Geografia*).

Que deus é este? É o Deus criador do céu e da terra? Em Geografia, lemos «o universo não brota das mãos de um deus do gesto e do sopro de um deus da alegria e da veemência de um deus».

É o Deus trino dos cristãos? «O Deus uno de desvios nos protege» (*Ilhas*)

É um Deus que nos dá a vida eterna? A única resposta de Sophia é: «Buscamos um deus que vença connosco a morte... pois caminhamos nos cadafalsos do tempo» (*Geografia*).



Dentro deste deus não estarão deuses anteriores ao Deus cristão? Dioniso, «deus que nos deste a vida e o vinho» (*Poesia, 1944*)? E Apolo, «deus puro... deus sem espinhos e sem cruz» (*Dia do Mar*)?

Mas o Deus cristão também é puro; e o que O separa do nada é a palavra. E não é o teólogo que tem poder sobre ela, mais sim o poeta, o aedo, «o recitador... que entoa a veemência pura da palavra, / Fronteira de puro Deus e puro nada» (*O Nome das Coisas*)

Numa obra poética exígua em igrejas cristãs, mas rica em templos gregos, afinal onde Deus está é cá fora – não é na igreja, não é no templo.

Porquê? Porque «a casa de Deus está na terra onde os homens estão» (*Poemas Dispersos*).

E perguntemos de novo: porquê? «Porque Deus nos criou para a alegria» (*Poemas Dispersos*)

Blog de FREDERICO LOURENÇO. Professor universitário. Prémio Camões, 2016.

https://www.facebook.com/profile.php?id=100007197946343&hc_ref=ARRYedXmRVvUalhX6Nq0twVBy--tSQYIF65C8-Qu4wShJxOi32bMLRwlUfTjti1nBWQ (07/10/2017)

2. Cartas de Camilo Maria de Sarolea

Minha Princesa de mim:

Os amigos que te referi, na carta anterior, é que me apontaram todos esses dogmas de que falo, bem como o da infabilidade papal. Para mim, este é um decreto datado, claramente decorrente de algum pânico clerical perante a crescente subversão do poder das autoridades eclesiásticas sobre as consciências, devida ao desenvolvimento do livre pensamento e do espírito crítico laico. De pouco ou nada serviu, e até eminentes teólogos e santos bispos se sentiram desconfortáveis com ele.

Quando recito o *Credo* de Niceia, confesso que *Jesus Cristo nosso Senhor foi concebido pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria*. Tal concepção virginal não consta da tradição joanina, nem dos textos paulinos, nem do evangelho de Marcos, o mais antigo escrito evangélico, redigido em grego para a instrução de pagãos sem conhecimentos de cultura judaica. Consta, todavia, dos chamados "evangelhos da infância", os de Mateus e Lucas. O primeiro, feito para judeus e para lhes demonstrar que Jesus Cristo é, na verdade, o Messias prometido pelas Escrituras, começa, aliás, pela genealogia de Jesus, desde Abraão a David, deste ao exílio em Babilônia, e daqui até José, *esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama Cristo... .. O nascimento de Jesus Cristo ocorreu deste modo. Estando sua mãe Maria desposada com José - e antes que eles tivessem consumado o casamento - ela foi descoberta como tendo [concebido] no ventre a partir de um espírito santo... .. Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que*

foi afirmado pelo Senhor através do profeta, ao dizer: eis que a virgem terá no ventre um filho e o parturirá; e chamá-lo-ão pelo nome de Emanuel, o que significa Deus conosco. (Mateus, 1, 18 e seguintes, na tradução de Frederico Lourenço [FL]. Em grosso, Isaías, 7, 14). Neste evangelho, se virmos bem, a anunciação surge feita pelo anjo a José. Só em Lucas (1, 26 e seguintes) aparece o relato da Anunciação a Maria, com a virgindade desta assim atestada (Lc. 1, 34-35, trad. de FL): *Disse Maria ao anjo: «Como será isto, uma vez que não conheço homem?». E o anjo, respondendo, disse-lhe: «Um espírito santo virá sobre ti e o poder do altíssimo te sombreadá. Por isso, o concebido é santo e chamar-se-á filho de Deus».* E logo a seguir Gabriel lhe diz que Isabel, sua parente, estéril e já idosa, está grávida de seis meses e dará à luz João Baptista. A comparação de ambos os "milagres" ajuda-nos a melhor entender o significado da Virgem Mãe na fé profunda e na devoção cristãs. Já São Paulo (Romanos I, 3-4) nos aponta o "mistério": *surto da linhagem de David segundo a carne e estabelecido Filho de Deus com poderio segundo o Espírito de santidade pela ressurreição dos mortos...* Se a Ressurreição de Jesus Cristo o afirma como Filho de Deus, a sua Concepção terá de estar em linha com essa afirmação: será, pois, concebido pelo poder de Deus, por uma virgem. É inesperadamente novo, o Deus feito homem. Os relatos de Mateus e Lucas devem, portanto, compreender-se de uma perspectiva mais cristológica do que mariana. Na tradição judaica, os heróis de Israel são

dados por Deus ao seu povo, quase sempre pelo milagre do parto de uma mulher estéril ou idosa que, todavia, terá tido, para o efeito, relação sexual com seu marido: Isaac, Jacob e Esaú, José e Benjamim, Sansão, Samuel... O mesmo sucederá com João Baptista. Mas que eu saiba, apenas o exemplo de Melquisedeque, contado no *Livro dos Segredos de Enoque* - que não é bíblico - será exceção: nesse caso, aliás, não deparamos, nem com uma conceição milagrosa (a mulher estéril que concebe um filho após uma relação sexual determinada), nem com uma virgem, mas com uma estéril não virgem, sem relação procriadora apontada. Diz o texto do *Livro dos Segredos: Sofonim, a mulher de Nir, estéril e que não lhe tinha dado filhos, estava já na velhice e às portas da morte, e concebeu em seu ventre; ora Nir, o sacerdote, não tinha dormido com ela desde o dia em que o Senhor o tinha posto à cabeça do seu povo*. A conclusão de Nir e de seu irmão Noé foi: *Isto é obra do Senhor, meu irmão!*

O profeta Isaías (7, 14) dirá: *Por isso o Senhor vos deixa um sinal: eis que a jovem [almah, em hebraico] está grávida e conceberá um filho e lhe dará o nome de Emanuel*. Em Mateus e na tradução de Isaías na Bíblia dos Setenta, o hebraico **almah** será, em grego, **parthénos**, isto é, **virgem**. Há aí, claramente, uma afirmação teológica que se exprime pela imagem forte da conceição por uma virgem: a Incarnação de Deus é o início do triunfo da vontade divina sobre o mal, triunfo que se consumará gloriosamente na Ressurreição. Jesus não é um herói, um super-homem que o Senhor oferece ao seu povo. É o Emanuel, o próprio Deus

connosco. Não esqueças, Princesa, que, no *Credo*, professas que crês em *Deus Pai todo poderoso... ...e em Jesus Cristo seu Filho unigénito, nascido do Pai antes de todos os séculos... ...Deus de Deus... ...gerado não criado, consubstancial ao Pai... ...que por nós, homens, e para nossa salvação desceu dos céus e incarnou, pelo Espírito Santo, no seio de Maria Virgem*. Fez-se homem como nós, Ele que era antes de nós. Se a mulher em que tomou forma humana fora isenta do pecado original (e não será este uma parábola de explicação do mal?) parece-me questão de somenos importância, antes serão desvelos de devoção mariana ou especiosidades teológicas. Aliás, repensando, não poderia o Salvador ter sido concebido no seio de uma mortal ainda sujeita ao pecado original (se este tiver mesmo substância), não terá o resgate começado pela encarnação de Deus? Durante toda esta quadra, que hoje se encerra com a festa da Epifania, todos os dias tenho contemplado o mistério do Natal de Deus entre os homens. E tal mistério desafia qualquer ciência. Resta-nos contemplá-lo, até ao apocalipse, dia da revelação final. Intuindo, como Frederico Lourenço, que nos cabe, a nós, seres humanos, sermos a refração da luz de Jesus.

Essa luz é, simplesmente, a do mandamento novo: amai-vos uns aos outros. E tu, Princesa de mim, que há tantos anos me conheces, sabes bem como pensossinto que o mundo já nos torna as vidas tão complicadas... que será certamente de Deus a graça de um sorriso que nos anime.

Camilo Maria

Camilo Martins de Oliveira